

Dor e criação: o visionarismo de Hildegard von Bingen

Mestranda Danielle Marinho¹ (Unicamp/Fapesp)

Resumo:

O objetivo deste estudo é lançar um olhar sobre a obra visionária de Hildegard von Bingen, monja alemã que viveu entre os séculos XI e XII. Apesar da saúde frágil, Hildegard criou uma obra mística vasta e altamente organizada, com textos de grande valor para a literatura visionária medieval. Neles, a monja relatava ver a palavra da revelação divina transformada em uma composição de luzes vivificantes; estudiosos mais céticos apontam que esses estados extraordinários de percepção eram decorrentes da enxaqueca, mais precisamente de sua aura — sintomas visuais que anunciam ao doente a proximidade da crise. O fato é que se tratava de experiências visionárias que conjugavam a dor crônica e a mais elevada potencialidade criativa, e que, além disso, integravam o elemento místico, por seu compromisso transcendental, e o literário, pela originalidade com que recriava os símbolos bíblicos e lhes conferia força própria, instituindo um modo de dizer absolutamente seu.

Palavras-chave: Visionarismo, Enxaqueca, Hildegard von Bingen

1 Introdução

Os manuscritos da monja beneditina e a mais recente Doutora da Igreja Católica Hildegard de Bingen (1098-1179) deixaram um legado inestimável para a contemporaneidade. Toda a sua obra aponta para as potencialidades do ser humano (enquanto alma, mente e corpo) quando este se percebe parte integrante de um cosmos. Hildegard é o chamado para um desafio há muito esquecido pela cultura ocidental: o de sermos tudo o que podemos ser. Se não tomamos essa postura como imperativo diário, sucumbimos ao tédio, à apatia, à comodidade. Talvez a lição maior dessa monja tenha sido, precisamente, a de não sucumbir frente às adversidades de seu tempo.

2 Apontamentos biográficos

Nascida em 1098 (morreria aos 82 anos, em 1179), pertencente à pequena nobreza, é verdade, mas ainda assim filha de uma época hostil à dimensão intelectual feminina. Desde pequena apresentava uma saúde muito frágil, e frequentemente ficava de cama com fortes dores na cabeça. Imagina-se que, por todo o cuidado que sua saúde exigia, quase impossível diante das condições e necessidades da época, por volta dos oito anos Hildegard foi confinada em um eremitério feminino anexo a um mosteiro beneditino, onde viveria até os 50 anos de idade, quando saiu do mosteiro, junto com as outras monjas, para fundar o seu próprio, na região de Bingen. Essa independência só foi possível graças ao prestígio que Hildegard adquiriu, não apenas frente às demais autoridades religiosas (inclusive o Papa Eugênio III), mas também diante da nobreza e dos governantes (o Imperador Frederico Barbarossa). Sua fama deve-se às suas competências em diversas esferas: foi teóloga, medica profetisa, visionária, compositora e dramaturga; ainda, é de grande valor a iconografia que compõe suas obras visionárias. É interessante salientar que, mesmo com todo o prestígio adquirido, em nenhum momento Hildegard intentou inaugurar uma nova corrente de

pensamento religioso, tendo permanecido sempre fiel à ortodoxia católica, sem deixar, no entanto, de combater heresias e vícios do clero. O fato é que, acima de tudo, Hildegard quis desvelar para seus semelhantes os mistérios da **palavra**, do cosmos, do homem. Ela foi a primeira de uma série de mulheres influentes tanto na religião como na política, e uma representante típica da aristocracia cultural beneditina. Orgulhosa de pertencer a uma elite social e espiritual, manteve-se, no entanto, humilde e submissa a Deus. A fama conquistada por Hildegard a permitiu ocupar um espaço inédito para uma mulher na história da religião. Inclusive, vale destacar que o elemento feminino é recorrente em toda a sua obra, e é por essa ótica que Hildegard se tornou, atualmente, objeto de interesse para o campo dos estudos culturais e de gênero.

É importante salientar que Hildegard praticamente inaugura no Ocidente a tradição de místicos concentrados na criação (cf. FOX, 1993). A concepção dessa criatividade é um dos pontos-chave para se entender a obra da monja, que põe em funcionamento uma “visão micro/macrocósmica de nós mesmos, do universo” (p.11).

Hildegard diz: “soprando em toda a parte, o ar serve a todas as criaturas”. Esse senso de interdependência cósmica permeia toda a sua obra. Para Hildegard, a teologia da PALAVRA não trata de palavras, notas de rodapé e livros. Trata de todas as criaturas, toda criatividade. “A PALAVRA é vida, existência, espírito, toda vegetação viçosa, toda criatividade. Esta PALAVRA manifesta-se em toda criatura”, Hildegard canta. (FOX, 1993, p.11)

Assim, percebe-se que Hildegard concebe a **palavra** e aqui se faz necessário atentar para o fato de que se trata da **palavra** enquanto **revelação** de uma realidade divina como manifestação essencial do poder de Deus. Esse poder permearia toda a existência do homem e todas as criações que ele venha a produzir. Nesse sentido, a criatividade do ser humano é vista como uma bênção divina e, portanto, a arte seria a expressão de uma vontade de Deus. É nessa perspectiva que Hildegard afirma: “todas as artes úteis e indispensáveis aos homens provêm desse sopro de espírito que Deus insuflou no corpo do homem; e é por isso que é justo que todo o tempo eles louvem a Deus” (BINGEN apud PERNOUD, 1996, p.126). Quando o homem canta, isto é, quando entoia a **palavra**, ele vivencia a harmonia celeste contida em sua alma, e recorda o momento original, de quando o homem vivia em união com Deus. A interrupção deste propósito criativo humano representaria uma ruptura no cosmo, um pecado, e com isso fica estabelecida uma compreensão não superficial do pecado: “em uma época em que é fácil sentir a ira divina, Hildegard de Bingen prefere que usemos sentir o prazer divino” (UHLEIN, 1993, p.21). Esse prazer é o de criar, **revelar**, e assim entrar em harmonia com o cosmos, louvando a Deus. Visões, música sacra, medicina, teatro, tudo a que Hildegard se dedicou constitui um só caminho de expressão do dom dado por Deus.

Esse propósito, o qual Hildegard levaria a cabo em seus anos de vida religiosa, muda completamente o rumo de sua (e da nossa) história. Hildegard passou toda a sua adolescência e parte da vida adulta silenciando suas experiências visionárias:

Numa anedota contada tardiamente (nos autos do seu processo de canonização) ela aparece exclamando diante de sua ama: “Vê só que bezerrinho bonito, dentro desta vaca. Ele é branco, com manchas no peito, nas patas e nas costas.” Quando o bezerro nasce, algum tempo depois, constata-se que é exatamente conforme a descrição. Hildegard tinha, então, cinco anos. E antes mesmo ela diz: “No terceiro ano de minha existência vi uma luz tal que minh’alma estremeceu, mas por causa de minha pouca idade eu nada pude dizer”. E prossegue: “No oitavo ano de minha existência, fui ofertada a Deus em oferenda espiritual e, até o meu décimo quinto ano, vi muitas coisas e às vezes eu as dizia com toda a simplicidade, de modo que os que me escutavam se perguntavam de onde vinha e o que seria aquilo. E eu

mesma me espantava porque do que via em minh'alma nem ao menos tinha a visão exterior, e vendo que isso não acontecia a nenhuma outra pessoa, escondi quanto pude a visão que tinha em minh'alma. Ignorei muitas coisas do mundo exterior, porque estive doente com frequência, ainda no tempo em que minha mãe me amamentava e mais tarde, o que prejudicou meu desenvolvimento e me impediu de ganhar forças”.

Hildegard perguntou se a ama via o mesmo que ela, Hildegard; e tendo recebido resposta negativa, tomou-se de pavor e não mais ousou revelar suas visões a quem quer que fosse. No entanto, às vezes, no curso da conversa, ela falava de fatos que iam acontecer e evocava, quando possuía por uma visão, realidades que pareciam estranhas aos que a escutavam. Quando esmaecia a força da visão que a fizera revelar noções muito além de sua idade, ela sentia vergonha, chorava frequentemente, e calava-se tanto quanto possível. Temendo que lhe perguntassem de onde lhe vinha tal conhecimento, não ousava dizer mais nada. (PERNOUD, 1996, pp.12-13, grifos meus)

3 A obra visionária

Em 1141, no entanto, um acontecimento iria reorientar a vida dessa mulher. Para ela, foi como um ultimato divino, um chamado para a criação. Num instante de iluminação, Hildegard teria alcançado a compreensão das Sagradas Escrituras, o entendimento da **palavra** sagrada. Vendo uma luz deslumbrante, Hildegard ouviu uma voz que ordenava que ela escrevesse: “Diz [...] estas maravilhas e escreve-as tais como são ensinadas e ditas” (In: PERNOUD, 1996, p.17). É Deus, portanto, quem a faz falar:

Eu havia sentido a força de mistérios e visões desde minha jovem idade, isto é, desde o tempo em que eu tinha cerca de cinco anos, de modo admirável, em mim mesma, até agora; entretanto eu não a tinha revelado a nenhum homem, salvo a alguns poucos homens religiosos, que viviam no mesmo estado em que vivia eu mesma. De outra forma eu teria guardado um tranquilo silêncio todo esse tempo, até o momento em que Deus quis manifestar-me isto por Sua graça. (BINGEN apud PERNOUD, 1996, p.18)

A partir daí, Hildegard se empenha na transcrição de suas experiências visionárias. Segundo seus relatos, o que via era a **palavra** transformada em uma composição de luzes, cores, formas; suas visões eram, em essência, a revelação de Deus. Contando com a ajuda do monge Volmar, que a auxiliou até o fim da vida, e posteriormente com Richardis, sua parceira de mosteiro, Hildegard escreveu em latim sua primeira obra, entre 1141 e 1151, intitulada *Scivias*, abreviatura de *Scito vias Domini*, “Conhecei os caminhos de Deus”. Essa obra apresenta, em sua primeira parte, seis visões que concernem o homem e o cosmos; na segunda, possui sete visões sobre a Igreja; na terceira parte, com treze visões, traça um percurso ao longo dos muros da cidade celestial até o encontro com Deus, que marca o fim dos tempos. Outros dois livros de visões seguem estrutura parecida: *Liber vitae meritorum* e *Liber divinorum operum* (por volta de 1160 e 1170, respectivamente).

A obra visionária de Hildegard von Bingen parece estar no centro do que Costa Lima (cf. *O controle do imaginário*, 1984) denominaria “crise das estruturas mentais” do medievo. Segundo o teórico, a partir do século XII seria possível observar o despertar de um processo de “maturação da experiência da subjetividade”, no qual “cada fenômeno passa a admitir vários sentidos e ao sujeito passa a caber a apreensão do adequado” (COSTA LIMA, 1984, p.12). Assim, passa a haver uma valorização do sujeito individual, a quem cabe a “descoberta da razão orientadora” (p.13); o *logos* deixa de ser de proveniência divina e passa a depender do engenho humano, do exercício técnico da razão à qual cabe confrontar as várias concepções possíveis de verdade. À “ascensão do indivíduo e

o realce de sua subjetividade” (p.14) vão se associar os esforços por uma centralização do Estado na luta contra os interesses da nobreza feudal, o que promoverá uma crise da aristocracia.

[...] a atenção dedicada ao subjetivo individual de um lado permeia as manifestações “literárias” e judiciais, [...] ela se relaciona com os interesses da centralização do Estado, professados pela casa real e pela burguesia nascente, em contraposição aos valores e princípios da aristocracia feudal. (COSTA LIMA, 1984, p.15)

O caso de Hildegard é híbrido: por um lado, conforme já mencionamos, suas visões e sua capacidade para criar são vistas como dons divinos; por isso, seus relatos estão pautados na Bíblia, sobretudo nos livros proféticos. Tratam-se de experiências individuais e autógenas, que segundo a monja ocorrem de acordo com o desígnio de Deus:

Não tive as visões em estado de sonolência, nem dormindo, nem em êxtase, nem por meus olhos corporais ou por meus ouvidos humanos exteriores; eu não as percebi em lugares escondidos, mas é estando acordada que eu as vejo com meus olhos e minhas orelhas humanas, interiormente; simplesmente, em espírito, eu as recebo em lugares abertos, segundo a vontade de Deus. (BINGEN apud PERNOUD, 1996, p.18)

No entanto, é preciso considerar ainda que os relatos dessas visões apresentam um conteúdo alegórico e simbólico intenso, altamente organizado, sobre o qual Hildegard explana nos comentários exegéticos que acompanham cada uma de suas ilustrações. Esses aspectos apontam para um início de consciência autoral, e podemos afirmar que sua obra vai além de um dom que emana de Deus. Sua expressão é elaborada e essencialmente mística, seja na poesia, na música, e até mesmo na medicina. Por sua preocupação com a saúde da alma, ela teria inaugurado uma conduta de tratar o doente em vez de tratar a doença (lembramos Oliver Sacks, para quem “a pergunta crucial não diz respeito à doença que tem tal pessoa, mas à pessoa que tem tal doença”, nas orelhas de seu livro *Enxaqueca*, 1996).

4 Iconografia: o “ovo cósmico” e a aura da enxaqueca

É em uma das visões de Scivias que está a motivação para esse estudo sobre literatura e medicina. Trata-se da terceira visão, “O universo e o seu simbolismo”, ficou conhecida como “O ovo cósmico”, pelo comentário da própria Hildegard a respeito da forma oval da figura em questão, apresentada a seguir:



Fig.1 “O ovo cósmico”, Hildegard de Bingen, *Scivias*, visão I, 3. A iluminura original data de cerca de 1180 e foi destruída durante a Segunda Guerra Mundial. A imagem acima é digitalização da cópia em pergaminho realizada em 1925 e conservada no monastério de Wisbaden.

Por meio dessa figura, Hildegard, ao mesmo tempo em que glorifica a revelação divina que rompe o campo da imagem para ultrapassar sua fronteira, alegoriza a história da compreensão humana acerca de Deus e seus desígnios. A forma oval, estreita no topo, larga no meio e pequena na base, mostra as três fases desse trajeto. A princípio, a humanidade agia de forma primitiva, sendo pequena na compreensão; cabem aqui as quatro estrelas apresentadas no topo da imagem, que são respectivamente Saturno, Júpiter e Marte (a Divina Trindade) e o Sol (Cristo, cuja luz vem do céu mas para a Terra). Mais tarde, por lhe serem revelados o Antigo e Novo testamentos (as duas estrelas seguintes), teve seu entendimento alargado. É quando surge a Igreja, representada pela Lua (que depende da luz do Sol-Cristo). A base estreita revela as dificuldades de compreensão divina que apocalipse trará.

Em termos simbólicos, temos o ovo como representação da organicidade, da vida em criação e da implicação de coisas poderosas que ainda vão se revelar; representa ainda a dinamicidade entre

os elementos e a interatividade Deus-Cosmos-Homem. É interessante observar a importância que é dada ao cosmos, à Terra e aos elementos em toda a obra hildegardiana. Considerando isso, Jean-Claude Schmitt diria que a obra de Hildegard equivale a uma “cosmo-antropologia total” (2008, p.3). Essa concepção, vale ressaltar, está na base da ideia medieval de medicina. Os estudos hildegardianos na área se pautam por manter uma boa relação entre o corpo e a Terra, o cosmos, porque dessa forma se conservaria o contato com o divino. Em algum momento da História, essa imbricação entre cosmos e espiritualidade se perdeu nas religiões ocidentais.

Ainda para fazer reverberar essa antropologia cósmica, a figura aborda os quatro elementos primordiais. De forma centrípeta, temos uma primeira camada de fogo ativo, simbolizando o Deus vivo (elemento fogo), o fogo sombrio que simboliza o purgatório (elemento terra), o céu mais puro, o éter, simbolizando a fé (elemento ar) e a camada úmida que nutre todo o sistema, remetendo ao batismo e à purificação (elemento água). No centro da imagem é possível observar o globo terrestre, no qual interagem conflituosamente os quatro elementos¹; nesse choque de forças que faz com que o globo trema ligeiramente, Hildegard identifica a sensação de fragilidade humana ao se ver confrontada com a imensidão do poder de Deus, poder esse que se manifesta por todo o universo, sua criação.

Para os pesquisadores David W. Dodick e J. Jay Gargus², a imagem acima pode ser considerada uma das primeiras representações iconográficas da aura da enxaqueca. O estudo dos sintomas que a própria Hildegard apresentava em seus escritos pessoais, além dos relatos de pessoas próximas a ela, endossaram a hipótese de que as experiências visionárias de Hildegard eram decorrentes da enxaqueca, mais especificamente da enxaqueca clássica (o neurologista Oliver Sacks chegou a afirmar que essa era uma condição **inegável**; Cf. SACKS, 1996, p.90). É sabido que os pacientes de enxaqueca clássica, alguns minutos ou horas antes de suas crises, apresentam o que se chama de aura, certas alterações em suas funções do sistema nervoso que resultam em distúrbios visuais (fosfenos e escotomas positivos e negativos), auditivos, sensitivos e motores. Abaixo, a título de comparação com o que podemos vislumbrar na imagem do Ovo cósmico, uma breve descrição dos sintomas mais comuns da aura:

[...] uma característica proeminente é um ponto ou um grupo de pontos de luz que bruxuleiam e se movem, geralmente de maneira ondulante, e são, o mais das vezes, interpretados como estrelas de olhos flamejantes. Em um número bastante grande de casos, uma luz, maior do que o resto, exibe uma série de figuras circulares concêntricas de formas tremulantes; e com frequência são descritas nítidas figuras de fortificação, irradiando-se, em alguns casos, de uma área colorida. Com frequência, as luzes dão a impressão de funcionamento, fervura ou fermentação descrita por tantos visionários. (SINGER apud SACKS, 1996, p. 379)

Atestar que as visões de Hildegard são fruto da aura de enxaqueca não invalida nem diminui suas visões, porque devemos ter em mente que é o que o indivíduo faz com determinada condição clínica o que de fato importa. É preciso considerar, ainda, a extrema dificuldade em descrever as alterações perceptivas que ocorrem na aura da enxaqueca, conforme pudemos notar nas supracitadas declarações de Hildegard a respeito de sua infância e juventude. Oliver Sacks trata dessa questão:

¹ É interessante notar que a imagem do globo terrestre nos faz lembrar do símbolo yin-yang, que também possui essa conotação de equilíbrio.

² Cf. DODICK; GARGUS. “Mecanismos que deflagram a enxaqueca”. IN: *Scientific American Brasil*. Edição 76. Setembro de 2008. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/mecanismos_que_deflagram_a_enxaqueca_imprimir.html>. Acesso em 10 de julho de 2013.

[...] É difícil obter boas descrições porque muitos fenômenos de aura são imensamente estranhos – tão estranhos que transcendem os poderes da linguagem, e as boas descrições tornam-se ainda mais raras devido à presença de algo sobrenatural e amedrontador, que faz a mente recuar só de pensar no assunto. (SACKS, 1996, p.89)

Considerações finais

Tendo em vista todos esses aspectos, é ainda mais impressionante ler a obra hildegardiana e a exegese de sua iconografia, em que cada termo, símbolo e imagem têm a precisão, a força e a beleza de uma palavra num poema. É nesse sentido que Oliver Sacks declara:

Essas visões constituem um exemplo excepcional da maneira como um evento fisiológico banal, detestável ou sem significado para a grande maioria das pessoas, pode tornar-se, em uma consciência privilegiada, a base de uma inspiração extática suprema. (SACKS, 1996, p.382)

A lição de não sucumbir, o desafio de sermos tudo o que podemos ser (e até o que não nos é permitido), potencializa-se e ganha inúmeras dimensões quando tratamos a obra hildegardiana dentro do âmbito da medicina. De um lado, o quadro clínico da enxaqueca e de sua aura fazem o paciente perceber que

[...] o fato de que nossas funções superiores – consciência e “eu” – não são entidades auto-suficientes, “acima” do corpo, mas construtos neuropsicológicos dependentes da continuidade da experiência corporal e da integração desta. (SACKS, 1996, p.143)

E, de outro lado, a leitura da obra de Hildegard faz o leitor perceber que é necessário manter vivo o desejo utópico de integração entre o homem e o cosmos, buscando resgatar na fé ou na ética diária, qualquer que seja sua crença, um compromisso com a realidade imediata, concreta como é concreta a relação entre seu corpo e a terra em que pisa, a água que bebe, o ar que respira e o calor que o aquece.

Referências Bibliográficas

- 1] BINGEN, Hildegard de. *Meditações com Hildegard de Bingen*. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Editora Gente, 1993.
- 2] FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo. “Enxaqueca e sua aura na gênese das visões místicas e da criação artística: o caso de Hildegard von Bingen”. *Headache Medicine*, v.2, n.1, pp.25-32, jan./feb./mar. 2011.
- 3] FOX, Matthew. “Prefácio”. IN: BINGEN, Hildegard de. *Meditações com Hildegard de Bingen*. São Paulo: Editora Gente, 1993.
- 4] LUCAS, Maria Clara de Almeida. *A literatura visionária na Idade Média portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986.
- 5] PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- 6] SACKS, Oliver. *Enxaqueca*.

- 7] SCHMITT, Jean-Claude. « Quand la lune nourrissait le temps avec du lait. Le temps du cosmos et des images chez Hildegarde de Bingen (1098-1179) », *Images Re-vues* [En ligne], n.1, 2008. Disponível em : <<http://imagesrevues.revues.org/874>>. Acesso em 09 junho 2013.
- 8] SOIFER, Miguelina. *La expresión místico-poética: Valéry y San Juan de la Cruz*. Curitiba: Ed. UFPR, 1983.
- 9] UHLEIN, Gabriele. “Introdução”. IN: BINGEN, Hildegard de. *Meditações com Hildegard de Bingen*. São Paulo: Editora Gente, 1993.

Danielle MARINHO, Mestranda em Teoria e História Literária
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)
marinhoelle@gmail.com